

VIDEO



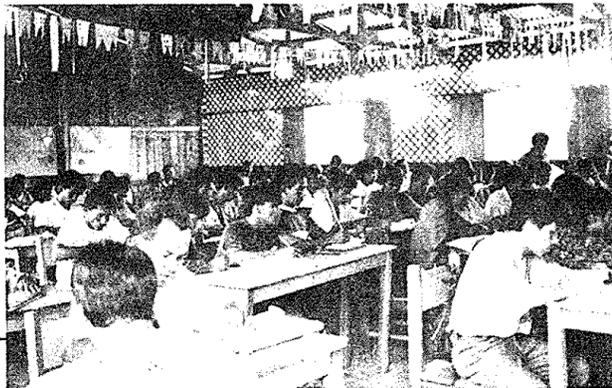
O Clube de Quadrinheiros exhibe amanhã o desenho animado 'Fritz the Cat', às 20h, no Centro de Artes Hahnemann Bacelar. O filme é proibido para menores.

CRIAÇÃO

A Cia. Belas Artes apresenta amanhã, às 20h, no Teatro Amazonas, a peça 'Crepúsculo das Lendas, Mitos e Povos da Floresta'.



Fevereiro de 1995. Aldeia Filadélfia, na boca do rio Javari. No centro, uma grande construção de madeira, coberta de zinco. Lá dentro, índios ticuna ouvem uma sinfônica de Beethoven, enquanto contemplam e reproduzem cópias de quadros de Leonardo Da Vinci, Rafael, Boticelli e outros pintores do Renascimento. Essas atividades fazem parte do Curso de Formação de Professores Ticuna, que funciona intensivamente durante as férias, e é frequentado por 200 índios, em regime de internato, todos eles professores do pré-escolar à quarta série, responsáveis pela educação de 5.000 alunos, espalhados por



Maria José Bessa Freira

escolas de 76 aldeias, localizadas em 5 municípios do Alto Solimões.

O curso, ministrado por especialistas e professores de várias universidades brasileiras, foi organizado pelos próprios índios, que criaram um centro especial só para esta finalidade, com salas de aula, cozinha e alojamento para hospedar os professores e, às vezes, suas famílias: é o Torü Nguépatãü, que em português significa "Nossa Casa de Estudos". Parte da carga horária é dada em sala de aula e outra parte é destinada à pesquisa ou 'ensino à distância'.

José Ribamar Bessa Freire *

Mona Lisa Ticuna

"Os Ticuna são artistas natos. Todos eles sem exceção gostam de desenhar" afirma Jussara Gomes Gruber, professora de Educação Artística, e também assessora de educação do Centro Magüta. Na sua disciplina, ela fez revisão de algumas noções de História da Arte, dadas em 1994, aproveitando agora para mostrar as transformações da representação da figura humana através da história.

Os Ticuna fizeram exercícios de observação de objetos e descreveram reproduções de quadros do Renascimento — como a Mona Lisa de Da Vinci — além de outros mais abstratos, como, por exemplo, desenhar um sonho, procurando compreender alguns conceitos básicos com os quais a arte trabalha: representação, observação, imaginação, fantasia, expressão, comunicação, sentimento.

A disciplina desenvolveu ainda uma breve introdução à história da música, criando espaço para que os alunos descrevessem e classificassem os seus próprios instrumentos musicais, confrontando-os com instrumentos de diferentes povos e ouvíssem trechos de orquestras sinfônicas, óperas e corais e compositores como Vivaldi, Verdi e Beethoven.

"Com Beethoven e os pintores do Renascimento, o que se pretende alcançar é que os Ticuna não se distanciem do seu mundo, mas ampliem o seu universo, incorporando novas realidades e experiências. Através do universal presente na arte renascentista, eles percebem o que existe de peregrino na arte ticuna, valorizando-a", comenta a professora de educação artística. Segundo ela, esses novos conhecimentos foram apresentados para que os alunos deixassem de ver suas próprias manifestações com o olhar preconceituoso do branco, que julga a produção artística indígena da mesma forma que a arte popular: como algo "menor".

Como atividade de pesquisa, por sugestão dos próprios alunos, eles vão procurar saber junto aos velhos das aldeias a maneira de representar os personagens da mitologia ticuna, as entidades sobrenaturais que habitam a floresta e o rio. Inspirados na maneira dos gregos de representarem seus mitos nos vasos de cerâmica, os Ticuna querem registrar a memória iconográfica dos seus personagens míticos.

Sócrates na floresta

Como desenvolver o conteúdo de um programa de filosofia para professores indígenas, abrangendo desde o pensamento da Grécia antiga até a filosofia clássica alemã? Lúcia Lopes, do Curso de Mestrado da PUC-Rio Grande do Sul, aceitou o desafio e passou parte de janeiro dando aulas para os Ticuna, procurando ilustrar o pensamento com muitos desenhos.

"Eu estava com receio de não ser compreendida, mais por eventuais dificuldades didáticas minhas do que por outras razões", confessa Lúcia, que acabou achando a experiência rica e interessante. Sua avaliação final é que os Ticuna receberam muito bem o pensamento filosófico, como qualquer outra disciplina.

"Eles são totalmente abertos, sem nenhum preconceito. Entenderam muito bem o interesse dos sofistas pelo diálogo e pela conversa, gostaram muito da filosofia grega, especialmente dos pré-socráticos, talvez pela explicação da natureza e do mundo elaborada por essa escola ou porque esses filósofos viveram em uma sociedade de transição da oralidade para a escrita como acontece hoje com os próprios Ticuna", concluiu Lúcia Lopes.

Opinião semelhante é compartilhada pela natureza Marineuza Gazzetta, da Unicamp, que exerce a presidência do Comitê de Educação Indígena do MEC. Foi durante suas

TORÜ NGUEPATAÜ: Uma escola Ticuna

Quem ajuda

Os recursos para a construção da "Nossa Casa de Estudos" foram fornecidos por um órgão ligado à ONU, o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), através do Programa Regional de Apoio aos Povos Indígenas da Bacia Amazônica, cujo representante, Juan Carlos Chulze, esteve presente na primeira semana de funcionamento do curso.

As prefeituras municipais dão o transporte dos professores, de suas aldeias até o local do curso, cabendo destacar que, neste ano, as prefeituras de Tabatinga e Benjamin Constant colaboraram com a alimentação, sendo que a última cedeu carpinteiros para a construção do novo alojamento dos professores.

A Funai entrou com recursos para a compra de alimentos. Os Ticuna contaram também com o apoio de algumas instituições como o Museu Nacional e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através da Sub-Reitoria para Assuntos Comunitários.

Anualmente, o OGPTB realiza a sua assembléia geral para discutir aspectos de organização do curso, as formas de financiamento, a avaliação da atuação de seus representantes e a prestação de contas: quanto entrou, de onde vieram os recursos, quanto foi gasto e como e em que se gastou.

Os Ticuna acumularam experiência, pois já em 1986 realizavam o primeiro curso destinado apenas aos professores de Benjamin Constant. A partir de então, cada ano, eram realizados cursos localizados em diferentes aldeias, até 1993, quando foi construída a "Nossa Casa de Estudos" e os cursos passaram a ser dados para professores de todos os municípios.

* José Ribamar Bessa Freire é professor de História da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio) e de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Reprodução de Mosa Lisa, de Da Vinci, na visão do ticuna Paulo Felipe Macário



aulas de matemática, em 1993, que os Ticuna projetaram a construção da sede da escola Torü Nguépatãü, calculando a construção das salas de aula, da cozinha, do alojamento, num total de 500 metros quadrados.

A professora Marineuza trabalhou alguns princípios de geometria e aritmética a partir de objetos e peças do Museu Magüta. Agora, ela atualizou os conhecimentos básicos de aritmética, sistema de numeração decimal, vários métodos de resolver as quatro operações e refletiu sobre as técnicas de como ensinar matemática às crianças indígenas. Os Ticuna levaram para suas aldeias, como trabalho de pesquisa, a tarefa de medir suas roças.

A Língua ticuna

A disciplina "Língua Ticuna", está sendo ministrada pela linguísta Marília Facó, que estuda este idioma há treze anos. Nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, Marília deixou suas atividades de Chefe de Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro para dedicar-se exclusivamente à formação dos professores Ticuna.

Introdução da gramática e da estrutura da língua Ticuna, noções de sujeito e objeto, concordância verbal, prefixos pessoais — esses foram alguns dos temas abordados pela professora, a partir de exercícios com textos na língua indígena. Ela aproveitou também para dar seguimento à organização do dicionário Ticuna/Ticuna e Ticuna/Português, iniciado em 1989.

Na avaliação de Marília, os alunos estão hoje com bom domínio da escrita na língua materna. Eles receberam a tarefa de gravar histórias, transcrever os textos.

Cartografia indígena

"Os Ticuna são excelentes cartógrafos. Eles têm uma tendência espontânea para a compreensão do espaço onde vivem e para represen-

tá-lo". Essa é a opinião da professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Márcia Spyer Rezende, que há anos vem participando da formação de professores indígenas na área de geografia.

Neste módulo do curso, ela trabalhou os conceitos de território indígena, organização do espaço geográfico e demarcação, bem como noções de cartografia e elementos para a construção de uma "cartografia indígena". Refletiu ainda sobre o clima, a vegetação, a fauna, o relevo, a hidrografia, a economia, a população e sua distribuição, e junto com os alunos elaborou um esboço de calendário geográfico ticuna.

De março a junho, os professores Ticuna estarão preparando um censo demográfico, econômico e cultural, incluindo dados sobre a conservação do meio ambiente, como trabalho de pesquisa de campo. Serão aplicados 200 questionários e os seus resultados servirão para produzir um texto didático de geografia destinado às crianças Ticuna.

Os conhecimentos adquiridos sobre confecção de mapas nas aulas de geografia foram aplicados imediatamente no módulo seguinte, de História, quando os alunos elaboraram mapas da Amazônia no século XVI, localizando os principais povos indígenas encontrados por Orellana em 1540 e por Lope de Aguirre, vinte anos depois.

Mito e história

As aulas de História foram dadas pelo ex-professor da Universidade do Amazonas e atualmente Coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que assina este texto. Após reflexões sobre o que é a História, como são produzidos os textos históricos e o que são as fontes históricas, foram identificadas fontes orais, escritas e iconográficas, tanto para a história Ticuna como para a história da Amazônia.

Na parte da pré-história, foi discutido a contribuição da arqueologia para a compreensão do passado dos povos da Amazônia, e o papel do conhecimento transmitido pelo

mito como conhecimento histórico no seu sentido mais profundo, ou seja, como uma investigação sobre o passado baseada na descrição de fontes tidas como confiáveis e autorizadas. Os alunos apresentaram versões do mito Ticuna da criação do mundo e as ações dos dois heróis culturais, Yoi e Ipi.

Fontes escritas e iconográficas foram usadas para descrever o processo de conquista da Amazônia pelo europeu, as relações de trabalho e do poder na Amazônia colonial, com uma definição do papel da Diretoria de Índios no período imperial e do SPI durante a República, incluindo a época do extrativismo da borracha.

Num exercício durante as aulas, foram identificados 144 velhos contadores de história, que vivem hoje em mais de 60 aldeias. Foi elaborado um roteiro de perguntas para coletar a tradição oral, o que será feito pelos próprios alunos, como trabalho de campo, nos próximos quatro meses.

Qualidade

O Curso de Formação dos Professores Ticuna, que congrega o maior número de professores bilingües do País, tem uma carga horária total de quase 2.000 horas e prossegue em julho de 1995 e durante as férias de 1996.

Em fevereiro do ano passado, o próprio Murillo de Avellar Hingel, então ministro da educação, viajou à aldeia Filadélfia para ver de perto o seu funcionamento. Entusiasmado, o ministro cobrou um compromisso maior das prefeituras municipais e prometeu apoiar o registro do curso no âmbito da Seduc — AM. Para a emissão de diplomas, o curso terá o aval do Cepan — Centro de Formação e Treinamento de Professores Pe. José de Anchieta.

Neste ano, esteve visitando a escola, como observadora, Nede Martins Siqueira, do Departamento de Educação da Funai de Brasília. Impressionada com a fome de saber dos Ticuna, ela declarou que eles estão dando um exemplo de organização, conseguindo montar um curso de alta qualidade — um dos melhores do Brasil.

Como os Ticuna organizaram o curso

Os Ticuna constituem o mais numeroso grupo indígena do País, com aproximadamente 22.000 pessoas, que vivem em 95 aldeias localizadas em terras dos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio de Içá, Tonantins, Beruri e Jutaf. Não é fácil transportar centenas de professores de suas aldeias de origem, muitos deles acompanhados de mulher e filhos, alojá-los e alimentá-los durante dois meses.

Quem organiza

O trabalho de organização do curso é feito pelos próprios índios, através da OGPTB — Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües, e do Magüta — Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões.

Presidida pelo Ticuna Nino Fernandes, com a ajuda de um Conselho Administrativo, a OGPTB vem assumindo cada vez mais a tarefa de formar os professores, desde a construção do próprio centro, até a administração dos recursos, operações bancárias, compra de alimento, pagamento de pessoal, etc.

O Centro Magüta possui um museu etnográfico, que recebe cerca de 1.200 visitantes por ano e uma biblioteca com mais de 2.000 volumes, que ficam à disposição dos professores, além de um deslizador e um barco com motor de centro destinado a projetos de saúde. A coordenação pedagógica é feita pela Assessoria de Educação e Cultura do Magüta.

MOSAICO

- TELAS
- TAPETES
- LUMINÁRIAS
- ESCULTURAS
- E OBJETOS COM DESIGNS**

Arte & Estilo

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO OU CHEQUE PRÉ-DATADO

ABERTO DAS 09:00 ÀS 19:00 Hrs SÁBADOS ATÉ ÀS 14:00 Hrs RUA RECIFE, 1500 - ADRIANÓPOLIS FONE: 236-8911